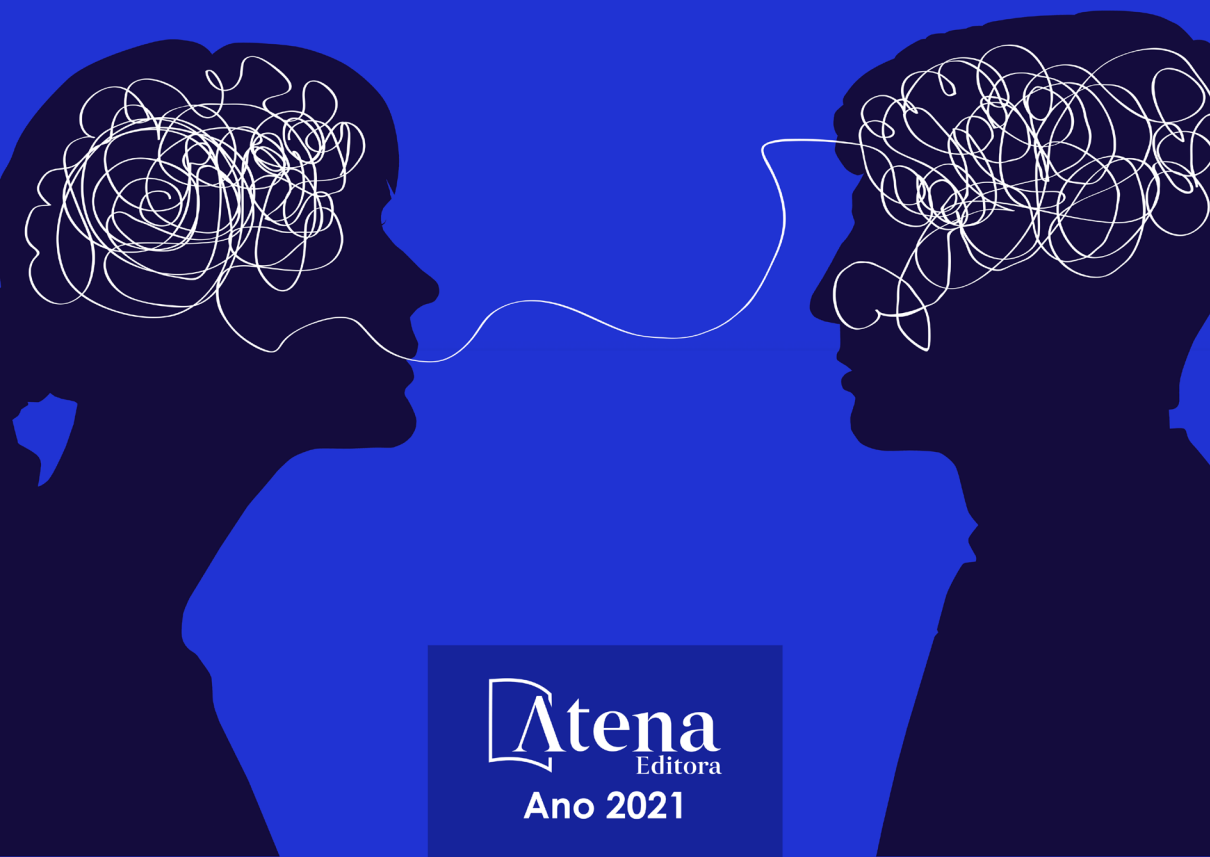


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)

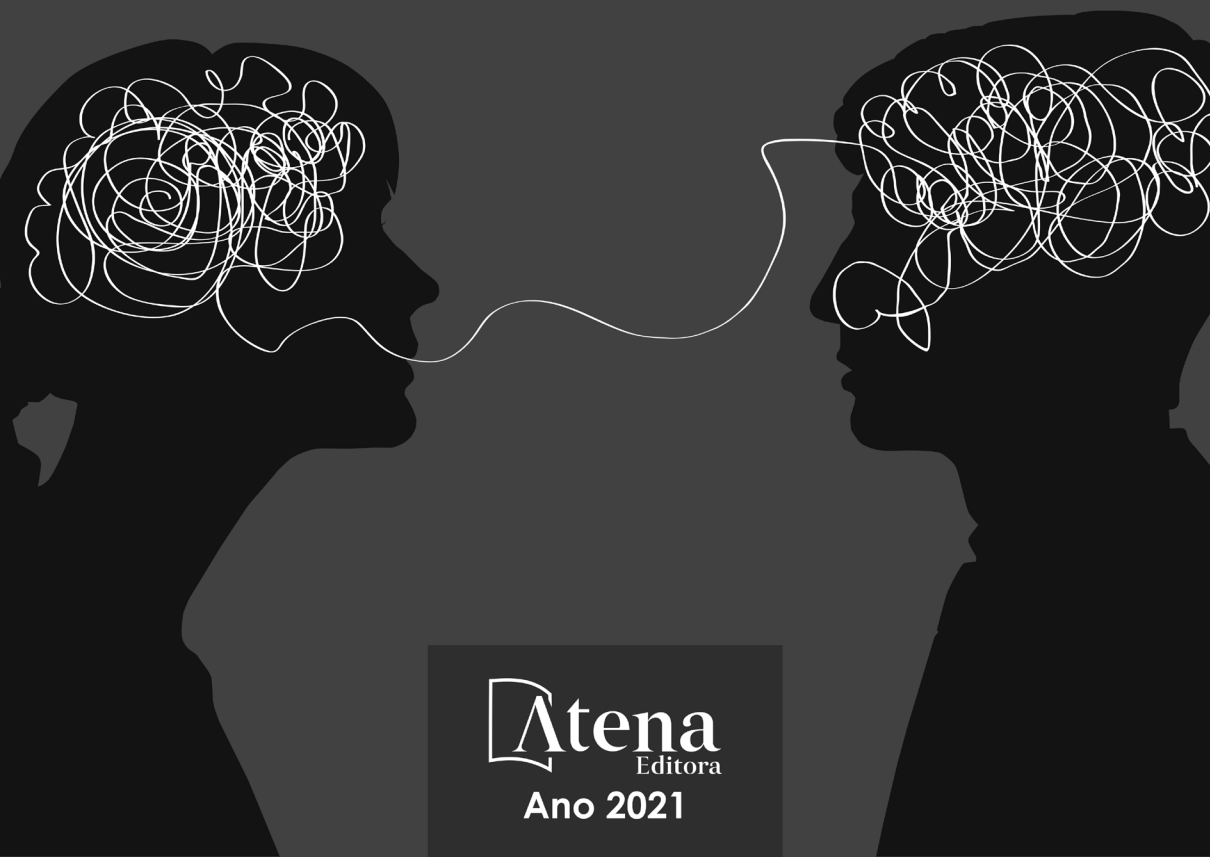


Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3 / Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-946-2

DOI 10.22533/at.ed.462213003

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I. Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões sobre práticas e saberes pertencentes às áreas de Arte, de Literatura e de Educação. É composta de vinte e seis capítulos, com discussões (sendo muitas delas interdisciplinares) que perpassam diferentes linguagens do campo artístico, tais como literatura, cinema, música, pintura, performance, quadrinhos, entre outras. A diversidade também está inscrita nas temáticas abordadas por suas autoras e seus autores, que alinham com maestria questões relacionadas à educação, à sociedade e ao sujeito, ao mesmo tempo em que olham para elementos constitutivos da própria linguagem artística.

As discussões suscitadas nesta obra contemplam aspectos de ordem individual e coletiva e nos convidam a refletir sobre o papel da arte e da literatura como proposição, representação e resistência. Diante do quadro de pandemia que nos assola, nos enche de alento ver que arte e literatura continuam a denunciar problemas sociais, como nas discussões aqui apresentadas sobre política, a tríade racismo, machismo e patriarcado e a (des)construção das identidades, o papel dos (anti)monumentos, os embates entre tradição e modernidade e a crítica cultural.

Outrossim, os capítulos que seguem nos mostram ações possíveis ao tratar de ativismo, da presença de cotistas negros na formação docente, do combate à ansiedade na performance musical e da criação de Instaurações Cênicas para o desenvolvimento da saúde mental no período de pandemia. São temáticas tratadas tanto no âmbito educacional quanto vivenciadas no entorno social e que urgem por serem invisibilizadas em uma sociedade cujo silêncio conveniente está disseminado.

Por isso, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos.

Assim, este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em construir coletivamente esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

SUMÁRIO

DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

CAPÍTULO 1..... 1

JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO DO SAMBA? (BRASIL, ANOS 1910-1960)

Adalberto Paranhos

DOI 10.22533/at.ed.4622130031

CAPÍTULO 2..... 17

MUSICOLOGIA, RACIALIZAÇÃO E RENATO ALMEIDA

Jonatha Maximiniano do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.4622130032

CAPÍTULO 3..... 25

O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA *A ROSA PÚRPURA DO CAIRO* (1985), DE WOODY ALLEN

Mariana Alice de Souza Miranda

DOI 10.22533/at.ed.4622130033

CAPÍTULO 4..... 44

DAS TRIPAS CORAÇÃO: UM GOZO SUPLEMENTAR

Elisangela Miras

DOI 10.22533/at.ed.4622130034

CAPÍTULO 5..... 50

ARTE E IDEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: O JAZIGO-CAPELA DE JOAQUIM NABUCO EM FOCO

Davi Kiermes Tavares

José Paulo Seifert Brahm

Diego Lemos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.4622130035

CAPÍTULO 6..... 66

AS ORIGENS DO *SMASH*: O PODER DAS ILUSTRAÇÕES QUE DÃO VIDA AO INCRÍVEL HULK

Alyssa Carolina Barbosa Marques Gedo

DOI 10.22533/at.ed.4622130036

CAPÍTULO 7..... 78

A FIGURAÇÃO DO GROTESCO EM FRANCISCO DE GOYA

Marianna Bernartt Silva

Jorge Antonio Berndt

Valdeci Batista de Melo Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4622130037

CAPÍTULO 8	91
“MEU NOME É_” - VIDEOINSTALAÇÃO, PERFORMANCE E ESCRITA SOBRE O CORPO EM TRÂNSITO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Talita Caselato	
DOI 10.22533/at.ed.4622130038	
CAPÍTULO 9	101
A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.4622130039	
FACES DA LITERATURA	
CAPÍTULO 10	116
TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM <i>A MONTANHA MÁGICA</i> , DE THOMAS MANN	
Gong Li Cheng	
DOI 10.22533/at.ed.46221300310	
CAPÍTULO 11	133
O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA	
Carina Marques Duarte	
Renata Domingos Opimi	
DOI 10.22533/at.ed.46221300311	
CAPÍTULO 12	142
AS TRÊS IRMÃS, DE MIA COUTO: ANÁLISE LITERÁRIA	
Wagner Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300312	
CAPÍTULO 13	154
ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS <i>APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE</i> , DE VERGÍLIO FERREIRA	
Maria José Pinto de Carvalho	
Daniele dos Santos Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.46221300313	
CAPÍTULO 14	173
O GUARANI – UM OLHAR PARA O PASSADO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE	
Monique Berwanger	
Maristella Letícia Selli	
DOI 10.22533/at.ed.46221300314	
CAPÍTULO 15	185
A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR	
André Luís de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.46221300315	

CAPÍTULO 16.....	201
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA NAS PERSONAGENS PECOLA DE “O OLHO MAIS AZUL” E IFEMELU EM “AMERICANAH”	
Bianca de Carvalho Lopes Barros	
DOI 10.22533/at.ed.46221300316	
CAPÍTULO 17.....	208
A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE	
Erika Maria Albuquerque Sousa	
Solange Santana Guimarães Morais	
DOI 10.22533/at.ed.46221300317	
CAPÍTULO 18.....	215
O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM <i>O ALIENISTA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i>	
Angeli Rose do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.46221300318	
EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA	
CAPÍTULO 19.....	229
A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COMO FORMA DE MANTER A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.46221300319	
CAPÍTULO 20.....	240
A ARTE COMO FORMA DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR	
Lucas Bezerra Furtado	
Nara Graça Salles	
DOI 10.22533/at.ed.46221300320	
CAPÍTULO 21.....	247
PSICOLOGIA DA PERFORMANCE – CONTRIBUTOS PARA A SUA INTRODUÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DE MÚSICA EM PORTUGAL	
Catarina de Andrade Silva	
Helena Maria da Silva Santana	
Anabela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300321	
CAPÍTULO 22.....	261
RACISMO NA MÚSICA: UMA PESQUISA SOBRE O RACISMO NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE COTISTAS NEGROS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA	
Luiz Carlos Vieira Junior	
Rayssa Karoline Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300322	

CAPÍTULO 23.....	272
IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO	
Francisca Cordelia Oliveira da Silva	
Milena Fernandes da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.46221300323	
CAPÍTULO 24.....	291
MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO	
Renan Silva do Espirito Santo	
Ursula Rosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300324	
CAPÍTULO 25.....	296
MEMÓRIAS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIAS: COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS	
Maria Giovanna Walerko Moreira	
Felipe Bernardes Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.46221300325	
CAPÍTULO 26.....	300
UMA COLCHA PARA O LEITO DOS AUSENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA	
Victor Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46221300326	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	311
ÍNDICE REMISSIVO	312

CAPÍTULO 13

ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS *APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE*, DE VERGÍLIO FERREIRA

Data de aceite: 30/03/2021

Maria José Pinto de Carvalho

Instituto Federal de Brasília *Campus* São
Sebastião
<http://lattes.cnpq.br/7875272623791718>

Daniele dos Santos Rosa

Instituto Federal de Brasília *Campus* São
Sebastião

CARVALHO, Maria José Pinto de. **Entre o contingente e o transcendente: um breve estudo das obras *Aparição e Alegria breve*, de Vergílio Ferreira.** Artigo. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras/Português pelo Instituto Federal de Brasília/IFB, *Campus* São Sebastião, em 5 de dezembro de 2017.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo estudar as obras: *Aparição* (1959) e *Alegria Breve* (1965), do escritor português Vergílio Ferreira, a partir da relação entre a forma literária e o conteúdo social nelas transfigurados. Para tanto, se faz necessário uma abordagem detalhada do narrador e o que chamamos de tríade vergiliana (tempo, espaço e memória). Neste trabalho, iremos abordar as correspondências e divergências dos narradores de *Aparição* e *Alegria Breve*, e tentaremos determinar como a problemática filosófico-existencial se dá, não somente pela construção do pensamento abstrato, mas se realiza nos fatos, nos acontecimentos dentro das narrativas, marcados por uma busca interior que vai da contingência para a transcendência do ser, além de mostrar como o princípio da arte fundamenta

estes romances.

PALAVRAS-CHAVE: Existencialismo, Realismo, Narrador, *Aparição*, *Alegria Breve*.

BETWEEN THE CONTINGENT AND THE TRANSCENDENT: A BRIEF STUDY OF THE WORKS *APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE*, BY VERGÍLIO FERREIRA

ABSTRACT: This work aims to study the works: *Aparição* (1959) and *Alegria Breve* (1965), by the Portuguese writer Vergílio Ferreira, under the analysis of the relationship between the literary form and the social content transfigured in them. This requires a detailed approach by the narrator and what we call the vergilian triad (time, space, and memory). In this work, we will address the correspondences and divergences of the narrators of *Aparição* and *Alegria Breve*, and try to determine how the philosophical-existential problematic occurs, not only by the construction of abstract thought, but is realized in the facts, in the events within the narratives, marked by an inner search that goes from contingency to the transcendence of being, as well as showing how the principle of art underlies these novels.

KEYWORDS: Existentialism, Realism, Narrator, *Aparição*, *Brief Joy*.

E, todavia, sei-o hoje, só há um problema para a vida, que é o de saber, saber a minha condição, e de restaurar a partir daí a plenitude e a autenticidade de tudo – da alegria, do heroísmo, da amargura, de cada gesto.

(FERREIRA, *Aparição*, 1971, p.10)

INTRODUÇÃO

Filho de António Augusto Ferreira e de Josefa Ferreira, Vergílio Ferreira nasceu em 28 de janeiro de 1916, em Melo, na Serra da Estrela. Em 1920, os pais de Vergílio Ferreira emigram para os Estados Unidos, deixando-o, com seus irmãos, aos cuidados da sua avó e duas tias maternas. Aos 10 anos frequentou o seminário do Fundão, licenciou-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foi professor do Liceu em Faro, no ano de 1942. Passou por Bragança e fixou-se em Évora em 1945. Lecionou no Liceu de Camões, em Lisboa, em 1959.

O seu primeiro romance data do ano de 1943: *O Caminho Fica Longe*, seguindo seu trabalho com obras como: *Onde Tudo Foi Morrendo* (1944), *Vagão “J”* (1946). Inicialmente próximo aos neorrealistas, Vergílio Ferreira logo foi influenciado por existencialistas franceses (André Malraux e Jean Paul Sartre) e, assim, começou a trilhar um caminho próprio a partir da obra *Mudança* (1949), que é considerada um dos marcos da sua carreira.

Neste mesmo ano, 1949, publicou o ensaio “Redenção”. Vergílio Ferreira publicou, ainda, um volume de contos – *A face Sangrenta* (1953), o romance *Manhã Submersa* (1954), publicando mais dois livros de ensaios: *Do Mundo Original* (1957) e *Carta ao Futuro* (1958). No ano de 1959 escreve *Aparição* e ganha o prêmio Camilo Castelo Branco da Sociedade Portuguesa de escritores. Em 1960 publicou *Cântico Final*, seguindo 1962 com o romance *Estrela Polar* e o ensaio *Da Fenomenologia a Sartre*. Em 1963, publica um novo ensaio *André Malraux (Interrogação ao Destino)*, vindo a publicar em 1965 o romance *Alegria Breve*, um dos mais importantes romances da sua produção, e a coletânea de ensaios *Espaço do Invisível*. Em 1969, publica *Invocação ao Meu Corpo*. No ano de 1971, o romance *Nítido Nulo* é publicado. Vergílio Ferreira morre em Lisboa, no dia 1º de março de 1996 e é sepultado em Melo.

Vergílio Ferreira inovou a historiografia literária portuguesa ao chamar atenção para a crise do romance espetáculo, que, segundo o autor, tratava-se apenas de uma obra que conta uma história, a qual deveria ser substituída pelo “**romance de ideias**” ou “**romance-problema**” (GODINHO, 2017), que designa uma obra em que as ideias são as protagonistas, possibilitando se experimentar novas soluções estéticas, ou seja, a criação de um novo tipo de romance, como discutiremos posteriormente, tendo como base os pressupostos teóricos de Antonio Candido, Décio, Rodrigues e Azinheira. Seu brilhantismo pode ser comprovado não só por sua autenticidade quando produziu ficção, mas também pela sua maneira peculiar de escrever romances, os chamados “romances problema” que circulam entre a ficção e o ensaio.

Vergílio iniciou sua obra falando do que acontecia em Portugal, como era a sociedade da sua época, como destaca Rodrigues (2000, p. 19): “**o início da vida literária de Vergílio Ferreira foi marcado pelo despertar de uma arte de caráter social**”, mas ao longo da sua carreira foi se aproximando mais do ideário Existencialista, pois para Ferreira

um escritor deve comprometer-se, acima de tudo, com sua arte.

De forma similar, Antonio Candido, importante crítico brasileiro, também defende esse pensamento de que as obras literárias existem como resultado do fazer artístico, cuja relação com o meio social se dá *a posteriori*, já que a arte se constitui a partir de uma relação dialética entre a sua autonomia e a sua referência social. Por isso, cabe ao crítico:

Averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce. (CANDIDO, 2000, p. 1)

Assim, as obras de arte acabam estabelecendo uma relação entre a literatura e a sociedade: a arte influenciando o meio social e o meio social influenciando arte. Nas palavras do próprio crítico:

Veremos então, provavelmente, que os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra. (CANDIDO, 2006, p. 25)

É importante ressaltar que, quando Vergílio afirma que seu princípio é a arte, o autor está tratando da questão da autonomia da arte, desse momento em que a arte se constitui como um mundo à parte, separado da vida factual. Porém, essa separação, mesmo necessária, se dá de forma contraditória, pois a obra de arte é essencialmente humana, é a vida humana ali encenada, reestabelecendo assim sua conexão com mundo, como bem ressaltado por Candido. Assim, trata-se da autonomização da arte, que em movimento dialético e contínuo se separa e se aproxima constantemente da vida social. Por isso, o trabalho do crítico é, essencialmente, descrever e captar essa relação dialética.

Nesse sentido, apenas como forma de evidenciação dessa problemática, já que isso será melhor trabalhado no decorrer do artigo, em *Aparição*, a relação entre a arte e a vida social se estabelece através do cotidiano de seus personagens, principalmente quando trata da degradação do homem, na figura de Bailote, e, em *Alegria Breve*, isto acontece com o progresso contraditório e com algo que nos chamou bastante atenção, que são as presenças estilísticas. Encontra-se, assim, nas obras vergilianas uma contradição fundante entre forma literária e processo social que merece ser investigada, conforme se fará aqui.

Com um tom ensaístico, Vergílio Ferreira percorre sua obra com o discurso da solidão, do silêncio, da ponderação divina. Aqui vamos falar de dois romances que são considerados grandes marcos na carreira deste escritor português, devido à busca pela essência do ser que perpassa as obras deste autor, o qual lança mão da temática do Existencialismo para permitir que seus romances circulem entre o contingente, com o máximo de materialidade e concretude na vida de seus personagens, e o transcendente, com monólogos frequentes e reflexões na primeira pessoa. Cabe pontuar que seus protagonistas são também os narradores (que serão analisados posteriormente com base

em teóricos como: Ligia Chiapinni e Maria Lucia Dal Farra) e, antes de qualquer outro adjetivo, são questionadores.

Nesse sentido, de acordo com Décio,

Da problemática essencialista resultam os termos existencialistas do romance, por exemplo, a morte com toda sua carga de inverosimilhança lança o homem ao desespero, à busca de uma interpretação dramática da vida. (DÉCIO, 2001, p. 40)

É com esse pensamento que Vergílio Ferreira dá vida aos professores Alberto Soares, de *Aparição* (1971), e Jaime Faria, de *Alegria Breve* (1969), bem como a problemática existencialista que irá percorrer várias obras ao longo da sua brilhante carreira, como iremos analisar.

Ao escrever, Vergílio Ferreira traça um painel crítico sobre as transformações que ocorriam na Europa, tanto em relação às mudanças políticas e sociais, como a reação à monarquia e à ditadura, como no âmbito da arte: Neorrealismo Português, que foi a tendência literária que buscou representar a realidade em movimento.

Em busca pelo caráter social da arte, a obra vergiliana, segundo a crítica, pode ser dividida em dois grandes momentos: a) um se relaciona com o início da sua carreira, próximo aos neorrealistas, b) e o outro momento está marcado pela problemática existencialista. Essa divisão faz muito sentido quando se percebe a obra vergiliana como um todo, contudo tal divisão se torna tênue quando verificamos que em todos os seus romances se manifesta, como princípio organizador, a problemática da vida humana, está resultado e constituição da relação entre vida social e pensamento humano.

Nesse sentido, vemos como o escritor português envolve-se com os problemas sociais da sua época mostrando através de seus romances a revolta e as denúncias do governo português por meio do cotidiano de seus personagens, além de projetar no seu romance um novo olhar que vai ao encontro da valorização do ser consciente e de sua liberdade, assim Vergílio Ferreira transita entre o que é mais característico do Neorrealismo para uma preocupação que alcança a metafísica, investigando dessa forma a realidade que fundamenta e que transcende a experiência visível.

Foi a ditadura salazarista e a Guerra Fria nas décadas de 1940 e 1950 na Europa que o levaram a refletir sobre o Existencialismo, tema que é o pilar de sustentação de várias obras vergilianas. Essa forma de pensamento punha em xeque as concepções religiosas e morais, e trazia em si a proposta de ver o homem e sua realidade sob uma nova ótica, que seria tornar-se consciente, senhor de si e do seu destino. Mas, ao assumir essa perspectiva, Vergílio percebe que não é possível pensá-la abandonando a vida social concreta, por isso o autor não abandona a questão social, e é esse o grande embate das obras, conforme analisaremos posteriormente.

Escrita em 1959, *Aparição* pode ser considerado um romance-problema que, conforme o próprio autor, designa obras que

devesse sobretudo representar uma sensibilidade, uma inquietação, uma visão de mundo e a tudo questionar, tudo isso problematizar, sem perder de vista a representação da emoção, do belo, do poético... a realização da arte. (PAIVA, 2007, p. 47)

Assim, neste romance Vergílio Ferreira transfigura o impasse e a problemática do Existencialismo e da questão social, ao buscar por um novo tipo de romance que trata do específico “fazer artístico e contenha a inquietação própria da vida humana.

Nesse sentido, em *Aparição*, a história se faz *in media res*, ou seja, se inicia pelo fim, e da “pulos” ou saltos temporais o tempo todo. A obra inicia e termina com a mesma citação: **“Sento-me aqui nessa sala vazia e relembro” (FERREIRA, 1971, p. 9 e 189).**

Além disso, começa e termina falando da morte, a princípio do pai de Alberto, e finaliza com a morte da mãe do personagem. O personagem principal é o narrador Alberto Soares, engenheiro e professor do Liceu. Com a morte do seu pai, Alberto vai para Évora lecionar Língua Portuguesa no Liceu, onde reencontra seus dois irmãos: Tomás e Evaristo. Este é um episódio muito marcante no romance, pois toda obra se desencadeia a partir daí: Alberto busca encontrar a verdade da vida e a resposta às suas perguntas mais subjetivas, como: quem somos afinal? São esses elementos que fazem surgir um problema metafísico, que busca compreender a experiência palpável, o contingente, e vai ao encontro da busca por uma razão para a vida e para a morte, para o transcendente.

Ao chegar em Évora, Alberto vai relacionar-se com a família do Dr. Moura, um antigo amigo de seu pai. Este tem três filhas: Ana (Mulher de Alfredo Cinqueira), Sofia (torna-se sua aluna particular de latim, e é uma mulher problemática, que vive intensamente e com quem Alberto vem a ter um relacionamento conturbado) e Cristina (uma doce e cândida criança, que por meio de sua música faz Alberto transcender ao ser).

Moura é o seu “passaporte para a pequena burguesia”, por meio deste é que Alberto virá a conhecer várias figuras da cidade, como o engenheiro Chico, (que se torna seu amigo, com Alberto discutirá e refletirá os problemas de ordem política e filosófico-existencial) e Carolino, o Bexiguinha (jovem aluno que seguirá os preceitos de Alberto). Ana e Sofia são mais próximas da personagem principal por participarem das suas reflexões.

Outro momento marcante da narrativa é a morte do semeador Bailote, que traz em si um grande significado para a obra, pois desencadeia mais uma série de perguntas, como: **“Que fazemos nós da vida?” (FERREIRA, 1971, p. 46).** E neste momento se encena na obra a sua contradição fundante: como podemos saber o que é a vida e a morte? Vemos que a resposta não estará apenas na sequência de perguntas e reflexões de Alberto, nem exclusivamente na vida social de um agricultor que perde sua serventia após a modernização do campo, mas parece se encontrar na relação contraditória entre esses dois movimentos, essencialmente humanos.

À medida que o tempo passa a cidade antes hospitaleira começa a tornar-se hostil. O Diretor do Liceu repreende Alberto pelo tom filosófico nada apropriado que faz parte de

suas aulas. Chico passa a discordar de Alberto com relação às suas ideias existencialistas e Sofia começa um relacionamento com Carolino, mas continua a se insinuar para o professor em suas constantes visitas. Cristina morre em um acidente de carro, dirigido por Alberto, aumentando ainda mais a hostilidade do ambiente.

Movido por sua paixão, Carolino começa a ter um comportamento violento com ciúmes de Alberto e Sofia, e após tentar matar a Alberto, vinga-se matando Sofia.

Não suportando mais a vida em Évora, Alberto muda-se para Faro, uma cidade que fica ao sul de Portugal, e lá constitui uma família e envelhece. Sua mãe morre e ao visitar a casa que pertencia a sua família, a narração volta-se para o início da obra.

Nesta obra, verifica-se como Vergílio Ferreira tenta soluções para a problemática filosófica-existencial, em termos do contingente, sob uma ótica que prioriza o movimento que se dá entre o transcendente e a vida material, que supera tudo aquilo que é meramente social ou meramente abstrato. Movimento semelhante se estabelece em *Alegria Breve*.

Assim como *Aparição*, *Alegria Breve* é considerado um romance-problema e um dos livros mais importantes da literatura portuguesa contemporânea. Publicado 1969, também se apresenta *in media res* e desde as suas primeiras páginas nos revela o silêncio, a solidão e o isolamento que não abandona o personagem principal e também narrador, Jaime Faria.

A narrativa acontece em uma aldeia:

numa pequena plataforma, no cimo de um tronco de cone. É um cone suficientemente destacado, unido ao corpo da montanha por uma espécie de ponte, digamos, por um "istimo". Um caminho percorre essa espécie de ponte. Depois continua no flanco da montanha, ultrapassa-a ainda e vai dar à terra mais próxima que é a vila e fica a uns dez quilômetros. (FERREIRA, 1965, p. 36)

A narrativa vai se desenvolver em vários planos temporais: o presente, onde o narrador recorda o passado; um passado próximo, o tempo onde se desenvolve os acontecimentos mais importantes do romance; e um passado mais distante, em que são narrados eventos da vida do narrador desde o seu nascimento: **"Nasci a 28 de Janeiro de 19..., às três da tarde de uma sexta-feira..."** (FERREIRA, 1965, p. 32), e um futuro incerto que se desdobra a partir da espera do filho que nunca vem: **"Possivelmente meu filho virá um dia. Possivelmente saberá que é meu filho. E pensará: "vou ter com ele, vou recomeçar a vida desde o princípio"** (FERREIRA, 1965, p. 37).

Alegria Breve conta a história de Jaime Faria, um professor que assiste à ruína da aldeia onde morra com sua esposa. Jaime vê as pessoas morrendo, e outras indo embora, levando a aldeia à completa dissolução, mas, com a esperança da volta do filho, ele permanece preso àquele lugar, cercado de montanhas que fazem com que o espaço o aprisione ainda mais (como veremos posteriormente ao analisar o espaço em relação à personagem Águeda, com os pressupostos de Paiva, 1984).

Enquanto a existência humana vai se evadindo, Jaime continua com a esperança de recriar o mundo, mesmo depois da morte da sua esposa que o torna o último habitante da aldeia. Ele vive a procura de um significado para os problemas mais graves de sua existência: a inverosimilhança da morte, o absurdo da vida.

No entanto, a trajetória de Jaime é assustadora. O personagem comete violências constantes, demonstrando, em seus atos, um desprezo imenso às pessoas que o circundam, entre elas sua própria esposa. Assim, juntamente aos seus questionamentos existenciais, baseados na solidão e no confronto entre a vida e a morte, tem-se uma grande violência factual que determina os passos desse personagem.

De forma ainda muito geral, verifica-se como se formula nos romances *Aparição e Alegria Breve* um movimento contraditório entre a reflexão existencial de um narrador e a vida social ali encenada. É esse problema estético, interno às obras, mas que avança para um problema da historiografia literária portuguesa, que analisaremos nos romances mencionados.

A fim de perceber esse movimento, faremos uma análise minuciosa do narrador, **“do contexto informativo e como narrador personagem dos eventos da história narrada” (MENDONÇA, 1982, p. 39)**, somada a uma análise da tríade vergiliana (tempo, espaço e memória), embasados nas discursões de Alisson Alves da Hora (2011), Osman Lins (1976), Benedito Nunes (1995) e José Rodrigues Paiva (1984), além de fazer uma profunda reflexão das obras como ensaio ficcional com vista nos estudos de Aniceta de Mendonça (1978), James Wood (2008), e um apanhado geral sobre a narrativa com base nos estudos de Roland Barthes (2011).

Com base em tudo que já foi dito passaremos a analisar a seguir *Aparição e Alegria Breve* na tentativa mostrar como as obras se aproximam e distanciam, com base na investigação do narrador e na tríade vergiliana (tempo, espaço, memória).

A “UNIDADE DO SER” – APONTAMENTOS INICIAIS

A essência do nosso trabalho é a análise dos narradores-personagens vergilianos, mas antes de iniciarmos nossa proposta de investigação, se faz necessário um breve panorama acerca da Fenomenologia e do Existencialismo para que possamos entender como pensam e agem os narradores-personagens que iremos estudar.

As obras de Vergílio Ferreira estão diretamente ligadas com as contribuições da Fenomenologia e do Existencialismo, ambos buscam a consciência, mas o que vem a ser Fenomenologia e Existencialismo?

De acordo com Terry Eagleton:

Tudo o que não seja “imaneente” à consciência deve ser rigorosamente excluído: todas as realidades devem ser tratadas como puros “fenômenos”, e em termos de como eles se apresentam em nossa mente, sendo o único dado

Nesse sentido, Fenomenologia é a ciência da consciência humana, ela não se questiona sobre uma forma particular de conhecimento, mas sobre as condições que tornam possível o conhecimento, sendo assim a fenomenologia busca a investigação transcendental dos fenômenos que se apresentam a percepção, na consciência individual e na relação que estabelecemos com os outros.

Partes e todo, identidades em multiplicidades e presença e ausência são as três estruturas formais da Fenomenologia, elas se relacionam, mas não podem ser reduzidas. Assim, as “partes e todo” se compõem de pedaços e momentos, sendo que **“pedaços podem ser separados do todo, entretanto guardam, a sua condição de independentes. Mas reagrupados, podem vir a ser um todo novamente” (HORA, 2011, p. 20)**. E os “momentos” são elementos que não podem ser separados do todo.

Por sua vez, a questão da identidade em multiplicidades pode ser explicada se tomarmos como exemplo a linguagem. Podemos expressar um pensamento em nosso idioma e corremos o risco de sermos ou não compreendidos. Assim temos como objeto dessa questão a estrutura de identidade em multiplicidades, afinal:

Nós nos configuramos exatamente como uma autoidentidade que se apresenta através de certas peculiaridades de manifestações, cujas relações com outras identidades e manifestações vão ser marcadas, indefectivelmente, por certos estabelecimentos de juízos de valor que terão como centro de identificação senão nós mesmos. (HORA, 2011, p. 22)

Por sua vez, “Presença e ausência” se relaciona com a questão de presença (intenções cheias) e ausência (intenções vazias), a intenção vazia tem como alvo algo que não está aí, ou seja, algo ausente, já a intenção cheia tem como alvo algo que está aí, no presente. De acordo com Hora (2011), essas intenções **“estão intimamente ligadas às nossas experiências de mundo e suas correlações com a memória, que nos dirá o que deve ou não estar presente e ausente no jogo da existência” (HORA, 2011, p. 23)**. E é a intuição que irá selecionar o que é pertinente a nossa vivência.

A Fenomenologia se relaciona com Existencialismo moderno com base em três elementos: a) Percepção (implica o conceito de presença e ausência, nem sempre vemos o todo, a nossa percepção se vincula à visão que nos é apresentada de um objeto); b) Memória (também está inserido no contexto presença e ausência,

Ela [a memória] não reativa apenas um objeto, mas um objeto como se estivesse no contexto da sua manifestação original, não é apenas lembrança – é atividade de reviver. Embora o contexto de tempo e espaço evocado sejam outros, assume-se uma manifestação de “aqui – agora”, bem como a sua camada de passado. (HORA, 2011, p.27).

Por fim, a c) imaginação, que tem uma estrutura semelhante à memória, o que faz com elas frequentemente se misturem, mas elas se diferenciam, pois, a memória tem o

tempo e um quando especificado, já na imaginação não há um espaço predeterminado e não há tempo.

Como já foi dito, a Fenomenologia está relacionada ao Existencialismo moderno tendo como base os três elementos explicados acima, mas o que é Existencialismo?

Existencialismo diz respeito à análise da existência, este tipo de análise só foi possível com o conceito de Fenomenologia de Husserl (1859-1938), que elaborou a formulação acerca do transcendente. Assim, podemos afirmar que:

Costuma-se indicar por esse termo [existencialismo], desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência [...] como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada situação, analisável em termos de possibilidade. (ABBAGNANO, 2007, p. 468)

É importante ressaltar como o Existencialismo, como conjunto de filosofias, não retira o homem de sua materialidade. Ao contrário, analisa-se o ser “no mundo”, em determinada situação, ou seja, em sua íntima relação com o factual, com a vida social.

Nesse sentido, o “existir” não é uma abstração, é sim o “relacionar-se com o mundo”, isto é, a interação entre homem e homem na vida social, bem como entre os homens, os objetos criados e a natureza. Assim, Husserl estabelece o conceito de “transcendência”, segundo o qual:

Nas relações entre sujeito cognoscente e objeto conhecido ou, em geral, entre sujeito e objeto (não só no conhecimento, mas também no desejo, na volição, etc.), o objeto não está dentro do sujeito, mas permanece fora, e dá-se a ele ‘em carne e osso’ [...] as relações entre o *Dasein* (isto é, o que existe, o homem) e o mundo sempre se configuraram como transcendência. (ABBAGNANO, 2007, p. 468)

Sob estes parâmetros, Vergílio Ferreira buscou colocar o homem em primeiro lugar, mas sem fugir das questões que sempre o afligiram, buscando assim compreender a vida e o mundo que nos rodeia: **“E é aí que encontramos o princípio do elogio, ou da defesa ferreiriana à fenomenologia: o homem tem de se colocar com a sua consciência no mundo para compreendê-lo” (HORA, 2011, p. 32).**

Ferreira explora a fundo a ideia do Existencialismo, ao transfigurar a vida humana nos personagens Alberto Soares e Jaime Faria e, assim, investiga o ser humano como uma realidade finita, real, e que faz as coisas por sua conta e risco.

Hora afirma que:

o homem frente à morte é a preocupação, mais significativa de Vergílio Ferreira (facilmente identificável nos seus principais romances) porque para ele, além do conflito homem X Deus, o conflito homem X morte é dos que fundamentam a própria verdade humana. (HORA, 2011, p. 40).

Contudo, não podemos nos esquecer de que há mortes diferentes nos romances: diferentes por causa da vida social concreta. O suicídio de Bailote não é a mesma “morte” que a morte dos pais do narrador. Está aí o peso da vida concreta, que quando se pensa na “morte” como elemento existencial precisa se considerar.

A morte não é tratada nos romances de Ferreira apenas como uma abstração, mas sim encarada como um grande problema humano. Nos romances há a perspectiva da morte como resultado do sofrimento humano, causado pela vida em sociedade, ou seja, a morte não é uma fatalidade natural da existência somente, porque se torna concreta quando é resultado da vida social. Assim, o romance amplia as reflexões próprias do Existencialismo para ser arte, ou seja, cumprir o seu papel de compreensão da história da humanidade.

Por isso, para os narradores-personagens de Ferreira, encarar a morte é tão importante quanto encarar a vida. Analisando os pressupostos teóricos de Aniceta de Mendonça (1978) temos como frequência do ciclo existencial, três projetos principais:



Figura 1 – Ciclo Existencial

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A base para este ciclo existencial está na relação entre homem e mundo, ou seja, o “relacionar-se”, como mencionado anteriormente. Assim, a unidade do ser só é possível no vínculo estabelecido com o mundo que o rodeia, possibilitando assim o conhecimento necessário para se justificar seja a vida, seja a morte.

Em *Aparição*, percebemos esse “ser-em” quando Alberto e Bexiguinha gritam juntos: **“Eu estou vivo, EU SOU”** (FERREIRA, 1959, p. 49) e no início do livro quando Alberto Soares diz: **“esta totalização de mim a mim próprio que não me deixa ver os meus olhos, pensar o meu pensamento, esta verdade que me queima quando vejo o**

absurdo da morte...” (FERREIRA, 1959, p. 10).

Não somente em *Aparição* podemos notar esse primeiro projeto do ciclo existencialista, mas também em *Alegria Breve*, no breve monólogo de Jaime. O personagem, imerso em seus pensamentos, reflete: **“Penso-o, aliás, para tudo. Os actos surgem, a pessoa que somos estabelecem-se em nós, e só depois as razões proliferam como erva num cemitério” (FERREIRA, 1965, p.124)**, ou quando cansando reflete: **“Qual tua verdade Final?” (FERREIRA, 1965, p. 25).**

Esses pequenos fragmentos das obras analisadas nos deixa claro o ser- em, a presença da unidade do ser, os questionamentos e afirmações do personagem e de tudo que o cerca.

Já “o ser-para-a-morte” é bem explorada pelo protagonista *de Aparição*, como no trecho: **“Portanto, eu tinha um problema: Justificar a vida em face da inverosimilhança da morte” (FERREIRA, 1959, p. 35).** Neste romance, a morte surge como forma de remendar o mundo, como oportunidade de renascer: **“Nada mais há na vida do que beber até ao fim o vinho da iluminação e renascer outra vez” (FERREIRA, 1959, p. 35).** Assim, o homem é na verdade um ser-para-a- morte, porque antecipando-se a si próprio o homem descobre a morte como uma situação limite:

A morte surge assim como uma possibilidade inultrapassável, certa, embora indeterminada, é simultaneamente a única situação, verdadeiramente única, em que o homem está só (*Pascal on mourra Seul*) ela representa a prova, um ser-para-a- morte, por ser a morte o limite de uma cadeia de possíveis, e ainda porque o futuro nos esclarece o presente, nos determinamos não de hoje para amanhã, mas ao invés, já que o homem é a antecipação de si. Assumir a morte, porém envolve um problema que deriva justamente de o homem ser antecipação. (FERREIRA, s.d., p. 83)

Acerca do “ser-com-alguém”, Aniceta Mendonça aponta que:

A existência humana tem um vínculo com o mundo, está essencialmente ligada ao mundo, o que significa que em cada homem existe sempre uma dependência. Se ele é um *Dasein*, ele é simultaneamente um *Mitsein*: seu ser-em é também uma existência-com, quer dizer, um ser-com-alguém, para o qual tende, para com quem possui uma simpatia, única possibilidade de ser-em-comum. (MENDONÇA, 1978, p. 25)

Essa existência-com, encontra-se em *Aparição* e *Alegria Breve*, mas de maneiras diferentes, pela visão e sentimento do narrador-personagem em relação aos outros personagens, que são em sua essência muito diferentes, como veremos mais adiante.

É assim que os protagonistas de *Aparição* e *Alegria Breve* se interrogam sobre os problemas e fazem uma investigação da essência do ser, contrastando com a impossibilidade de se resolver o mistério, do absurdo da vida, está impregnada da vida concreta e material.

A “UNIDADE DO SER” – OS NARRADORES EM *APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE*

Os narradores de Vergílio Ferreira se caracterizam pelo fato de serem autodiegéticos, ou seja, o narrador narra a sua própria história, seus anseios, as experiências, seus medos, como personagem principal, o herói da história, como nos termos de Del Farra (1978), narradores ensimesmados.

A esse tipo de narrativa estão atrelados muitos elementos como memória, tempo, espaço, organizados pelo protagonista, que os manipula de maneira que o ajude a contar a história pretendida. No caso das obras analisadas, temos uma narrativa em primeira pessoa, na visão prosaica, tende a **“perder a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente ao leitor, ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados” (CHIAPPINI, 2002, p. 13).**

Por meio deste tipo de narrador, Ferreira consegue expor os problemas que se apresentam como um tripé vergiliano, sob o qual toda a obra se fixa. Como podemos ver, o narrador é peça chave para o sucesso dos romances vergilianos, não apenas pelo fato de ser o dono da voz que narra os fatos que acontecem ao longo da narrativa, mas por revelar a contradição entre a temática existencialista e o factual que percorre toda obra por meio das reflexões do narrador.

Os narradores de *Aparição e Alegria Breve* se aproximam em alguns pontos, mas se divergem em outros. Ambos apresentam frequentemente monólogos, que nos causam uma profunda reflexão, também apresentam uma ponderação divina, se preocupam em resolver o problema de vida *versus* morte, da degradação humana e, ainda, apresentam a sua relação com as pessoas e mundo que os cerca.

Alberto Soares é o nosso narrador em *Aparição*. Ele é um ser sensível, que a partir da morte do pai começa a refletir sobre o absurdo da vida e a inverosimilhança da morte, onde fica visível a presença da filosofia Existencialista, como a busca constante de Alberto pelo “eu” verdadeiro, como explica Azinheira: **“o existencialismo projeta uma filosofia segundo a qual o sujeito está implicado vitalmente na sua reflexão, não se limitando a uma mera objectivação abstracta do real” (AZINHEIRA, 1995, p. 21).**

Dessa forma, se encena no romance uma investigação da essência do ser contrastando com a impossibilidade de se resolver o mistério do absurdo da vida, bem como a angústia humana, a busca pela vida e a aparição do ser a ele mesmo, além da negação de mitos como Deus e a religião, como podemos identificar no trecho a seguir:

E nunca até hoje eu soube inventar outro. De que poderia fala na conferência? Nada mais há na vida do que beber até o fim o vinho da iluminação e renascer outra vez. Riqueza ou miséria, ciência ou glória, vexame, e a política e até a arte para tantos artistas, conhecimento do homem no corpo e no espírito – quantos modos de esquecer ou de não saber ainda o pequeno problema fundamental. (FERREIRA, 1971, p. 13)

Todos esses elementos contribuem para a busca interior, para a identificação da essência dos personagens, principalmente para Alberto Soares, que sente essa necessidade constante de encontrar a si mesmo; de encontrar um significado para sua existência:

Conheço-me o deus que recriou o mundo, o transformou, mora-me a infinidade de quantos sonhos, ideia, memórias, realizei em mim um prodígio de invenções, descobertas, que só eu sei, recriei á minha imagem tanta coisa bela e inverossímil. (FERREIRA, 1971, p. 10)

Para o personagem-narrador, a pesquisa existencialista surge através de diversos acontecimentos e sentimentos presentes no cotidiano da sociedade de Évora. Esse princípio, essencialmente material de suas reflexões, também torna-se o princípio de investigação dessa pesquisa, já que, como Candido nos mostra, **“o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós” (CANDIDO, 2006, p.25).**

Assim, em *Aparição* os questionamentos existenciais são evocados por um cotidiano essencialmente factual, como se dá a partir do encontro do protagonista com a figura degradada de Bailote, um sementeiro que já não tem as mãos tão boas como antes para semear e, desesperado, enforca-se.

Nesse sentido, o romance encena os impasses humanos, apontando os limites da condição humana, entre eles os limites impostos pelo processo modernizador, como podemos observar na fala de Décio: **“Alberto aparece na narrativa para abrir os olhos dos que estariam vendo pouco ou nada do ser e dos seus conflitos” (DECIO, 2001, p. 111)**, levando-nos a refletir sobre a incapacidade humana de resolvê-los, como na fala de Bailote:

– Quando foi da sementeira, o patrão Arnaldo disse-me “Ó Bailote, tu já não tens a mesma mão para semear”. Porque eu, doutor, tive sempre uma mão funda, assim grande, como um cocho de cortiça. Eu metia a mão ao saco e vinha cheia de semente. Atirava-a à terra e semeava uma jeira num ar. [...]
– Agora o patrão diz que eu já não tenho mão.

E mostra a sua desgraçada mão, envelhecida, carbonizada de anos e soalheira. (FERREIRA, 1971, p. 43-44)

Neste trecho de *Aparição*, temos o exemplo do desprezo dado ao velho agricultor que é substituído pela maquinaria moderna, isso deixa Alberto muito perturbado:

Senti-me embrutecido, atordoado em todo o corpo. Era espanto e fúria e terror. Era essa indizível e total suspensão em que a absurda evidência nos esmaga pela absoluta certeza e absoluta impossibilidade. Sei e recuso. Uma violência iluminada incha-me no cérebro, estala-me o crânio como uma massa solar. (FERREIRA, 1971, p. 46)

A degradação do homem, o desprezo pelo velho e a contradição do processo modernizador são os motes que desencadeiam a reflexão realizada pelo narrador-

personagem. Além de chamarem a atenção do leitor para problemas sociais, serão estes fatos que mobilizarão e intensificarão os questionamentos sobre a vida e a morte feitos por Alberto:

Essa cena, de grande força, assume no romance uma posição dialética: ao mesmo tempo em que é um fato secundário, pois o centro do romance são os questionamentos sobre a existência humana do narrador; torna-se também um elemento primordial, pois todas as questões formuladas por Alberto sobre a vida e a morte terão como base esse acontecimento, o qual se repete constantemente no livro, ou seja, retorna de forma circular na memória do narrador e conduz sua própria narrativa. (ROSA, 2010, p. 8)

Dessa forma, podemos perceber que Alberto Soares é um ser preocupado em resolver os seus problemas existenciais, em sua íntima relação com o social, percebemos assim que se trata de um “ser-com-alguém”, como explicitado por Aniceta de Mendonça (1978). O protagonista está conectado com o mundo que o cerca, e não apenas isto: ele se preocupa com este mundo. É uma existência com; isto fica bem claro sob a ótica do narrador-personagem, como ele se relaciona com outros.

Ao observar a relação de Alberto com as mulheres percebemos que ele as trata com delicadeza. Com Ana temos a amizade, com Sofia o amor e, ainda, o erotismo.

Ana e Sofia são personagens muito importantes, com quem o narrador mantém uma boa relação: Ana lhe oferece sua amizade, fiel, total e desinteressada. Alberto aceita e é uma relação de carinho; o narrador preocupa-se com ela, e a ajuda a resolver seus problemas de vida:

Com Ana a relação é de curto espectro, pois depois de ter adotado duas crianças (filhos de Bailote), resolve seu problema de vida, enquanto Alberto continua sua busca incessante, num plano mais profundo e existencial (DECIO, 1977, p. 73).

Na relação do narrador com Sofia podemos observar um amor erótico. Sofia representa a busca de um amor. Alberto é sensível e a trata muito bem, às vezes pensa nela com saudade:

Sofia. À luz do meu inverno, eis que te lembro no teu corpo esguio, no teu olhar ácido de pecado... Domingos de Primavera pelos campos, noites quentes de Verão no Alto de São Bento, a planície banhada de uma lua enorme. (FERREIRA, 1959, p. 24)

Dessa forma, podemos perceber como o narrador se envolve com os personagens, como ele os vê e como se estabelece uma relação entre eles.

Em *Alegria Breve*, a questão existencial também é um dos pilares. A busca do ser que quer reconhecer a si próprio é muito semelhante entre Alberto e Jaime. Isso pode ser percebido quando Jaime reflete nos estilhaços de um espelho, que ele mesmo acabou de quebrar:

Ah, por que não grito? Há um pudor que me reprime – um pudor? Estou cansado. Uma fadiga. E todavia vou à lenha. Cumpro os gestos animais todos, quase todos. Um olhar vago longo. Quebrou-se o espelho – foi bom? Para que quero eu um espelho? O espelho é o maior palco da vida, representamos nele o que queremos que vejam em nós. Mas a mim ninguém vê. (FERREIRA, 1965, p. 43)

O espelho, como um símbolo de autoconhecimento, nos mostra a nós mesmos, é um momento de encontro, e não tem como negar ou fingir o que sentimos a nós mesmos. Dessa forma, o narrador faz uma investigação de si mesmo, este objeto contribui para sua busca interior, para a identificação da essência do personagem, que sente a necessidade constante e premente de encontrar a si mesmo; de encontrar um significado para sua existência.

Assim como em *Aparição*, a temática existencialista surge através de diversos acontecimentos e sentimentos presentes no cotidiano da sociedade.

Neste caso, esses problemas fazem surgir muitas reflexões:

Havia um caminho aí a escolher entre os muitos caminhos que daí partiam e levavam ao desespero, ao esquecimento perdulário e mecânico

– Mas que é que há-de-ficar? Fica a miséria do dia comum, fica o que tem de apodrecer ou ao grito horrível da loucura, à interrogação muda aos céus desertos, à renúncia de quem não quer ver nem ouvir e bate às portas da infância. (FERREIRA, 1965, p.184)

A partir das reflexões do personagem, podemos ver claramente questionamentos existencialistas e sociais, mas o que mais chama atenção aqui é o que chamamos de presença estilística, ou seja, a forma como o autor escreveu este texto, nota-se a falta de pontuação, a quebra entre a quinta e a sexta linha. Isso ocorre várias vezes nos trechos do livro, principalmente quando o narrador personagem faz reflexões sobre a vida, chamando nossa atenção para problemas que julga ser de extrema importância. Vejamos mais um trecho onde isto acontece:

O erro viera apenas de que... O erro fora acreditar-se num mais além do que já era um fim.

– O erro fora perguntar-se um homem: e depois? e agora?

precisamente quando atingira a plenitude e já não havia nenhum depois. (FERREIRA, 1965, p.184)

Essa presença estilística é o que, juntamente com *Candido*, chamamos de relação entre forma e conteúdo. Verifica-se que a partir desses fragmentos o autor nos proporciona uma maior reflexão sobre os problemas que o afligiam na época, sob os olhares atentos do narrador, é a forma como ele escreve que dá ênfase para o conteúdo:

Em todos estes casos, o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de idéias, fornecendo elementos para determinar a

sua validade e o seu efeito sobre nós. Num plano menos explícito e mais sutil, mencionemos a tentativa de Erich Auerbach, fundindo os processos estilísticos com os métodos histórico-sociológicos para investigar os fatos da literatura. (CANDIDO, 2006, p. 25)

Como podemos perceber, essas quebras servem para destacar pontos de reflexão importantes na obra, momentos de ápice entre a forma e o conteúdo, unindo-se assim para dar um significado ao todo.

Ainda em *Alegria Breve*, podemos trazer uma questão no mínimo curiosa, que é a voz que surge quando menos se espera e que está sempre a emitir ordens ao narrador-personagem, e ao mesmo tempo aconselhando: **“Descansa, não me matarei. Por enquanto não”** e **“– Recomeça. A terra é nua e espera-te no silêncio”** (FERREIRA, 1965, p.152).

Esta voz é construída internamente aos monólogos interiores, em um momento que toma um tom imperativo, de segunda pessoa, ora internamente na frase do narrador, ora distanciado, quase que de forma autônoma. Como já mencionado, *Alegria Breve* é um romance construído em primeira pessoa, mas quando essa voz surge percebe-se uma extensão do próprio narrador, ou seja, é o EU transfigurando-se no TU, é como se fosse uma outra pessoa no discurso, mas que ao se analisar atentamente percebemos que é o próprio narrador- personagem que interpela a si mesmo, levando-nos, leitores e críticos, a questionar a obra e a vida em si.

Em *Alegria Breve*, temos um narrador que está muito incomodado com as transformações que estão ocorrendo devido à exploração de volfrâmio, a mecanização e as consequências que estes acontecimentos trouxeram para a aldeia:

São filhos do aço, e das pontas dos dedos saem-lhes arames que vão cruzando pelas ruas, tecnificando em linhas rectas a aldeia toda. São extremamente eficazes e plausíveis, tecnificam tudo, sabem tudo, simplificam tudo. São admiráveis, a aldeia gosta doidamente deles. Vão às tradições, às leis ancestrais, à linguagem, aos sonhos, aos usos e costumes e eletrificam-nos.” (FERREIRA, 1965, p. 47)

Assim como Bailote de *Aparição*, muitos foram substituídos por máquinas em *Alegria Breve*, o que gera muitas reflexões no narrador. Nesse momento, o protagonista é sensível e preocupa-se em criar um estatuto de base, que iria ajudar muitos operários que têm horas suplementares mal pagas, como, por exemplo, o Carmo:

[...] o Carmo adoeceu, infiltração de água, horas suplementares – não tento entender, nada há que entender a não ser o que em mim se me revela nas palavras do sujeito [...]

Não creio. Não se pretende uma solução de emergência, mas um estatuto de base que aliás... que aliás existia e era preciso antes forjar exactamente o que?

Sei – o hoje, porque não interessava sequer o “estatuto de base” – e

rapidamente encontrei-me com a vida a menos, quero dizer, com uma redução imensa de vida disponível [...] (FERREIRA, 1965, p. 95)

Essa “redução imensa da vida disponível” é a encenação da degradação do homem, da incapacidade humana, como aponta Rodrigues:

O problema da definição do outro, da morte e da decadência da vida humana, a que se associam questões como a velhice e a solidão, o sentimento de incomunicabilidade do homem, a doença e a dissolução do corpo. (RODRIGUES, 2000, p. 22)

Mas, essa sensibilidade do narrador-personagem não é constante, pois ele apresenta um profundo desprezo pelo velho: “**Estás velho, na velhice não se discute. Uma pequena ideia basta, nem chega a ser ideia**” (FERREIRA, 1965, p. 214). Nesta afirmação, podemos ver o desprezo pelo velho, que não pode discutir, não tem vez, nem voz, o narrador antes sensível com o mundo a sua volta, agora mostra-se implacável com relação ao velho, como se este não fosse tão necessitado quanto o Carmo. A problemática humana está, assim, bem evidenciada com o descontentamento e desesperança do narrador em relação ao velho, que é ele próprio.

O narrador de *Alegria Breve* se assemelha com o de *Aparição* em relação aos seus anseios em se justificar com os problemas de morte *versus* vida, mas suas relações com os demais personagens são muito diferentes, principalmente quando falamos da maneira que cada um trata as mulheres.

Jaime Faria é um homem tosco, rude que vive em busca do prazer doentio, a erotização do corpo, como um ser selvagem que age por impulso e não se preocupa com o que o outro sente, e assim comete uma violência contra a Águeda, a mulher que ele diz amar:

Quem era tu? Que tinhas tu com isso? Obscura imagem da minha violência vã. Tomei Águeda em meus braços, tu olhaste-me surpresa, ofendida, quase com desprezo, e violentei-a, violentei-a, violentei-a. Ela voltava a face de lado, chorando. Magra, envelhecida. (FERREIRA, 1965, p. 65)

Existe ainda mais duas mulheres que se relacionam com Jaime, Ema e Vanda. Ema é um amor erótico e submisso que empresta o seu corpo quando

Jaime deseja: “– **Posso emprestar-lhe meu corpo, enquanto fumo um cigarro.**” (FERREIRA, 1965, p. 248). Vanda é sua amante, com ela Jaime tem um caso e o filho que ele nunca viu, mas que é sua esperança de reconstruir o mundo, mesmo sendo Vanda “**maravilhosa. Um corpo cáldo, cerrado, fechadíssimo.**” (FERREIRA, 1965, p. 120) como afirma Luíz Barreto, seu esposo, ao exaltar a esposa e sua fúria sexual. Jaime apenas usa o corpo da mesma, mas deixa claro o que pensa dela: “**Tinha o corpo coberto de rugas, e os seios flácidos, com pelancas**” (FERREIRA, 1965, p. 210). E como resposta a suas atitudes, ele diz:

– O Homem é bruto – teimei ainda. – Não precisa de justificar nada.

E todavia, gosta de o ouvir. Mas como ser verdade?

Possivelmente o animal tem a voz primeira e última. Entre as duas, a do homem mas só para legitimar o animal do fim – o animal que morde, da coices, mas que perdeu a inocência com que os dava, conservando o gosto de os dar. (FERREIRA, 1965, p. 243)

Por fim, a personagem Águeda, esposa do protagonista, sempre teve o sonho de sair daquela aldeia, mas é como se as montanhas que cercavam aquele lugar a aprisionasse (PAIVA, 1984). Ela até se relacionou com Aristides pois via nele sua esperança de sair dali, mas isto não ocorreu, então ela vivia a observar “um certo sítio ao pé do muro” que dá para o caminho que vai para fora da aldeia, e quando estava prestes a morrer faz um pedido a Jaime: “– **Enterra-me ao pé do muro. O que dá para o caminho, [...]**” (FERREIRA, 1965, p. 329).

Jaime, com toda sua insensibilidade, não atende ao pedido de Águeda e a enterra no quintal da casa debaixo de uma velha figueira. Todos os atos repulsivos de Jaime justificam as últimas palavras de Águeda: “– **Des... gra... ça...do...**” (FERREIRA, 1965, p. 327).

Como podemos ver, os narradores de *Aparição* e *Alegria Breve* se aproximam e se distanciam em vários aspectos, e a maneira como eles tratam os demais personagens, principalmente as mulheres, é a maior diferença entre eles, mas eles se aproximam muito no contexto social e político, levando em consideração que as obras tratam de problemas sociais da época que foram escritas, mas indicam uma ótica diferente sob a maneira de ver uma mesma realidade.

Neste sentido, retomando o princípio de Vergílio Ferreira, verificamos como se trata da realização de uma obra de arte que é, em si, essencialmente humana, pois tanto em *Aparição* como em *Alegria Breve*, o que temos é a vida humana ali encenada, reestabelecendo pelo fazer artístico a conexão com mundo. Assim, a relação entre a arte e a vida social nestes romances se estabelece por meio do cotidiano de seus personagens, seja pela degradação do homem, pela morte, ou pelo progresso contraditório, nos quais a contradição fundante entre forma literária e processo social torna-se, como pretendemos mostrar, matéria viva.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AZINHEIRA, Teresa; COELHO, Conceição. *Uma leitura de Aparição de Vergílio Ferreira*. Venda Nova: Bertrand, 1999.

BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2000.

_____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2006.

CHIAPPINI, Ligia. *O foco Narrativo*. São Paulo: ática, 2002.

DECIO, João. *A ficção e o ensaio/ João Décio*. – Blumenau: Edifurb, 2001.

DEL FARRA, Maria Lúcia. *O Narrador Ensimesmado* (o Foco Narrativo Em Vergílio Ferreira). São Paulo: Ática, 1978.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERREIRA, Vergílio. *Aparição*. Lisboa: Verbo, 1959/1971.

_____. *Alegria breve*. Lisboa: Verbo, 1965.

_____. Da Fenomenologia a Sartre (1963). In: SARTE, Jean Paul. *O Existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Presença, s.d.

GODINHO, Helder. *O Essencial Sobre Vergílio Ferreira*. Lisboa: INCM, 2017.

HORA, Alisson Alves da. *Estrela Polar e Alegria Breve: visões de um mundo caótico e absurdo*. Recife: O Autor, 2011.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MENDONÇA, Aniceta de. *O romance de Vergílio Ferreira: existencialismo e ficção*. Assis: ILHPA; HUCITEC, 1978.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: ática, 1995.

PAIVA, José Rodrigues de. *O espaço-limite no romance de Vergílio Ferreira*. Lisboa: Publisher Encontro, 1984.

_____. Vergílio Ferreira – *Para Sempre*, romance-síntese e última fronteira de um território ficcional. Recife: UFPE, 2007.

RODRIGUES, Isabel Cristina. *A poética do romance em Vergílio Ferreira*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

ROSA, Daniele. "O mundo existia em retalhos": um estudo da problemática da arte na literatura brasileira e portuguesa. In: *Revista Crioula*, São Paulo, n. 8, 2010.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegria breve 154, 155, 156, 157, 159, 160, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172

Alheamento à tradição 133

Ana Cristina Cesar 185, 186, 188, 191, 198, 199

A rosa púrpura do Cairo 25, 27, 34, 35, 39, 40, 41, 42

Ativismo 296, 300, 310

C

Cinema 3, 5, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 98, 99, 129, 130, 200

Contaçon de histórias 215, 216

Cotas raciais 261, 263, 264

D

Distanciamento social 291, 292

E

Educaçon musical 261, 262, 264, 265, 270

Emancipaçon 5, 39, 131, 208, 211, 212, 213, 214, 303

Etnomusicologia 261, 262, 270

Existencialismo 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 172

F

Formaçon inicial de professores 261, 265

G

Goya 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

H

História da música brasileira 17, 24

Histórias em quadrinhos 34, 66, 68, 69, 72

HIV/AIDS 300, 304

I

Identidade nacional 1, 4, 18, 174

Instauraçon cênica 240, 242, 244, 246

Interseccionalidade 201, 203, 205, 206

J

Joaquim Nabuco 50, 51, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64

Jogo ficcional 215, 216, 217, 221, 225

José de Alencar 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Judith Butler 173

L

LGBT 300, 301, 302, 309

Literatura africana 143

Literatura portuguesa 159

M

Machismo 173, 183

Melodrama 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 40, 41, 43

Mia Couto 142, 143, 148

Moçambique 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 148

Monumentos 51, 52, 53, 61, 64, 196, 300, 306, 307, 309

Morte 31, 51, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 104, 119, 125, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 181, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 209, 225, 226, 288, 304, 305, 308

Mulheres 44, 46, 47, 60, 101, 102, 103, 108, 111, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 183, 186, 202, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 214, 231, 234, 273, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 302, 303

N

Nacionalismo 1, 3, 4, 7, 10, 12, 14, 139

NAMES Project AIDS Memorial Quilt 300, 303, 305, 309

P

Patriarcalismo 173, 212, 213

Percepção visual 66, 78, 79, 88

Período pós-independência 133, 137, 138

Pertencimento 140, 201, 206, 229, 230, 234, 236, 238, 267, 287

Programa de intervenção 247

Psicanálise 44, 49, 114, 220, 238, 240, 241, 242, 246

Psicologia da performance 247, 251, 260

R

Racialização 17, 18, 23

Racismo 24, 202, 204, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 302, 304

Realismo 32, 148, 154, 226

Relações de gênero 173

Renato Almeida 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24

Resistência 3, 101, 102, 103, 104, 106, 114, 120, 136, 138, 174, 181, 232, 235, 236, 240, 242, 246, 275, 278, 302, 310

Romance indianista 173

S

Santo Amaro 50, 51, 53, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 65

Simone de Beauvoir 173, 182

Super-heróis 66, 67, 68, 75

U

Ungulani Ba Ka Khosa 133, 134, 138, 139, 140

V

Vergílio Ferreira 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 171, 172

Vida 9, 14, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 46, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 76, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 129, 130, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 217, 221, 224, 225, 226, 227, 232, 238, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 266, 269, 272, 273, 279, 283, 284, 297, 301, 302, 303, 306, 308

W

Woody Allen 25, 26, 27, 33, 34, 39, 40, 41, 42

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021